



SET Centro-Oeste sinaliza o futuro da TV no Brasil

Por Fernando Moura

A TV 3.0 está chegando e ela pode mudar o paradigma, não apenas na distribuição de conteúdo, modelo de negócio e na hibridização do sistema, mas também na forma de transmissão. No regional se vislumbrou a possibilidade de uma migração compartilhada e com um core unificado. Uma das inovações deste regional foi a introdução de acessibilidade e tradução simultânea que se incorporou aos eventos da SET em forma de teste.

O Regional Centro-Oeste que se realizou em Brasília, na quarta-feira, 26 de junho, teve inscrições esgotadas e muito interesse, e não defraudou aos seus participantes, já que vislumbrou a tecnologia e a regulação que farão parte do novo padrão de TV brasileiro, a TV 3.0, que deverá ser definido pelo governo até final de 2024.

No evento foram explicadas algumas das certezas sobre a tecnologia que farão parte do modelo e que nos próximos meses será definido, mas do outro lado, ainda os radiodifusores se perguntam sobre o retorno do investimento. O que está claro é que o consumo audiovisual se transformou e é preciso mudar “o

modelo de negócio”, para garantir a preservação e qualidade do serviço, nas palavras de Raymundo Barros, Conselheiro da SET e Diretor de Estratégia & Tecnologia da Globo.

Barros ministrou na Capital Federal um **keynote** sobre TV 3.0 e nele afirmou que a ideia é ter uma implementação compartilhada, com um core centralizado, escalável, com compartilhamento de torres e antenas gerando otimização e custos, um novo formato de transmissão e de negócio. Não passamos somente para uma TV Híbrida, mas sim para uma TV com distribuição compartilhada.

redes de internet, que está começando a ficar sobrecarregada” e que, de alguma forma, faz com que esse **Fairshare** “componha um fundo para sustentar a rede”. E explicou que a ABERT se posicionou contra a taxação de rede.

Vinicius Caram (Anatel), disse que o principal é garantir o acesso à internet e que no Marco Civil fica claro que a “Anatel deve assegurar o uso da redes por SVAs, regulando os condicionamentos e o relacionamentos entres eles e as prestadoras”. Ele disse que passamos de tráfego medido em Exabytes, e agora o debate passa por quem “vai colocar rádios-bases para aumentar a cobertura”, já que hoje temos uma rádio-base para cada 6000 mil usuários, sendo que tem países que a media é de 600 devices, motivo pelo qual “precisamos pensar em políticas públicas que melhorem o acesso”.

A situação é complexa, tanto que foi criada uma Aliança para debater a questão com as operadoras de telecomunicações. A representante da Aliança pela Internet Aberta, Paula Rabacov, explicou a finalidade da Aliança, e disse que “o objetivo é criar novos caminhos para as políticas públicas”, trabalhando em “debates claros” que “contribuam de forma fundamentada para entender quem deve contribuir para a manutenção da infraestrutura de internet”. Comentou também que a Aliança acha que o pagamento “impactará negativamente no desenvolvimento do mercado”.

Paula disse que há que pensar que conectividade está ligada a conteúdo, “não podemos separar a conectividade do conteúdo”.

Marcelo Bechara, Diretor de Relações Institucionais da Globo, disse que a indústria de mídia está preocupada porque “esta indústria foi a primeira a promover conexão discada”, e continuamos provendo conteúdo com “serviços mais robustos, como serviços de streaming. Nos preocupa bastante a possível taxação de rede, e consigo entender o olhar das empresas de telecomunicações que enxergam negócios internacionais com operação local e regional”.

Ele disse que entende que “o imposto sobre telecomunicações é alto, mas não entendo como vamos criar um taxímetro de valor adicionado sobre a sua rede. O grande assunto que as empresas de telecomunicações deveriam pensar é no investimento vultoso que elas fazem em fundos setoriais”, e afirmou que “taxar a rede é comprometer o uso da rede pelos produtores brasileiros, podemos até nos aliar para encontrar soluções junto com as empresas de telecomunicações, mas não aceitamos pagar pelo uso da rede”, disse.

Desde a sua perspectiva, “a solução não seja tarifar, pois é muito difícil cobrar sem ferir o princípio de neutralidade da rede”, explicou Becharra. “A neutralidade da rede é isonomia econômica, e taxar pode criar essa quebra de isonomia”.



Vinicius Caram (Anatel) afirmou que há certo desequilíbrio e que “conversando se pode chegar a um acordo”, pensando na qualidade da rede e na sua ampliação com conectividade significativa e proteção dos usuários.



Palestra “conectividade no mercado audiovisual”, teve como moderador a Luciano de Melo Silva (TV Band Brasília) e a participação de Alfonso Aurin(Speedcast); Fabio Alencar (SES); e Glauca Mattioli (Embratel).

Inteligência Artificial

O painel “o uso de Inteligência Artificial na produção do conteúdo”, movimentou a tarde do SET Centro-Oeste. O debate foi moderado por Fabricio Ramos Soares, Supervisor Técnico da Record Brasília; e teve

a participação de Felipe Rodrigues, Especialista pré-vendas, Sony Professional Brasil; Clecio Roberto Vieira da Silva, Especialista de Produto e Pré Vendas da Canon Brasil; Felipe Semprine, Engenheiro de Sistemas

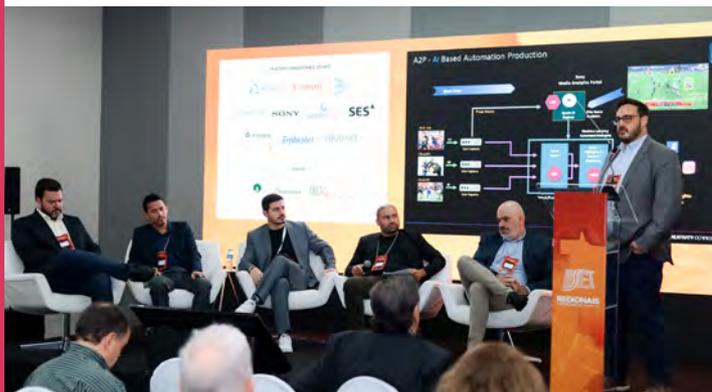
da Convergent; Bruno Pessoa, Regional Sales Manager da EVS; e Nuno Freitas, VP of Professional Services & Support da CIS Group, e trouxe novidade e ferramentas sobre o uso da tecnologia em diversas áreas da cadeia audiovisual, desde a captação até a distribuição.

Os executivos concordaram que a tecnologia está na curva do **Hype**, mas que estamos em um período onde “existe um gap de 75%” entre o falado e o implementado”. Segundo Felipe Semprime, o MAM é um lugar de destaque neste momento, que pode ajudar a **Taggear** e enriquecer os metadados do vídeo, com diminuição na carga de trabalho da equipe, mas sem acabar com ela, já que a “equipe pode utilizar melhor seu tempo e talento de maneiras melhores e mais criativas”.

Por seu lado, Nuno Freitas disse que “temos que

entender a IA como uma ferramenta que ajude ao artista”, e como tal, o usuário deve definir metas e objetivos, já que a “tecnologia é o entendimento da necessidade do usuário”. Pela sua parte, Bruno Pessoa disse que a EVS tem desenvolvido soluções com IA para ajudar e agilizar as transmissões ao vivo. “A primeira aplicação de IA com o VAR no futebol começou há 10 anos”, disse e afirmou que desde lá “a IA e o algoritmo está treinado em redes neurais para reconhecimentos de campo e suas linhas, e assim “realizar detecção automática do campo e gerando agilidade para posicionamento da linha de impedimento”.

Felipe Rodrigues e Clécio Silva falaram de aplicações embarcadas nas câmeras e lentes das empresas, com destaque para uma solução que permite saber se a imagem é real ou **fake** a partir de vários dados volumétricos.



Felipe Rodrigues da Sony apresenta ferramentas de IA



Fabio Angelini (Grupo Pinnacle), Rodrigo Godoi (Edgio) e Silas Adauto do Nascimento (RecordTV Brasília)

Infraestrutura hiperconectada

Outro ponto alto foi a infraestrutura hiperconectada, assim a palestra moderada por Gládston Duarte Araújo, Coordenador Telecom da TV Globo, e a participação de Fredy Litowsky, Diretor da Alliance e Guilherme Saraiva, Diretor Comercial da Embratel, mostrou como se transformou a radiodifusão. Araújo disse que “antes este tema era colocado por áreas, hoje falamos de tecnologia hiperconvergente e hiperconectada. Já não falamos por silos, mas sim com redes hiperconectadas, mas que trabalham independentes dando maior capilaridade”.

Fredy Litowsky disse que a radiodifusão viveu durante muito tempo com equipamento com coesões únicas, e hoje trabalhamos com aparelhos hiperconvergentes “com capacidade de **storage**, com plataformas únicas que permitem múltiplas funções”, assim, explicou, a plataforma hiperconvergente é “uma

plataforma unificada, que utiliza tecnologias de última geração para integrar produtos e funcionalidades independentes dentro de um único sistema, com múltiplas funcionalidades definidas por software”. Pela sua parte, Saraiva disse que estas mudanças no ecossistema mudaram os conceitos de segurança. “A segurança é uma jornada” que envolve pessoas, ferramentas, processos. “O planejamento da segurança deve começar junto com o seu projeto”, pelo que recomendou começar com o pacote mínimo de ferramentas e testes. “Cresça depois com ferramentas avançadas que façam sentido para sua empresa”.

O SET Centro-Oeste teve o patrocínio de Alliance, Canon, CIS Group, Convergent, SES, Sony, SpeedCast, Pinnacle/Blackmagic, Embratel e Youcast. Ainda contou com o apoio de Propaga Consultoria, Teletronix, Delta Provideo e SM Facilities.

SET faz teste de acessibilidade na Capital Federal

O Regional Centro-Oeste foi palco de um teste de acessibilidade com legendagem automática no celular e ao vivo.

Brasília foi o palco de testes de acessibilidade da SET nos seus eventos. Na edição do Regional Centro-Oeste 2024 realizada em Brasília, a SET testou a solução VOX Load, da MAV.

O VOX Load, afirmam os seus criadores, promove “comunicação acessível sem barreiras”, sendo uma ferramenta automatizada que “otimiza as produções de audiodescrição, **closed caption**, transcrição, tradução e legendagem”. Para transcrição, a ferramenta precisa que o usuário suba o vídeo e/ou áudio na plataforma e a solução realiza a transcrição automaticamente.

A ferramenta ainda pode ser usada como **closed caption** e legendas ao vivo em tempo real. “Nossa tecnologia cria legendas em tempo real por reconhecimento de voz, uma evolução para as emissoras de TV que não precisam de servidor e tem 95% de assertividade na transcrição”.

O presidente da SET, Carlos Fini, afirmou na abertura do Regional Centro-Oeste, que “seria disponibilizado um sistema novo de acessibilidade e tradução que pode



ser usado no celular, para ser mais ágil e sustentável”, e reforçou que é um avanço significativo da entidade visando a inclusão.